

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. 2. ed. São Paulo: Hacker, 2002.

TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha e O Paraíso Perdido: tentativa de interpretação de uma presença singular na Amazônia e a conseqüente evolução de um pensamento sobre a paisagem étnico-cultural, história e social brasileira, alargando-se nos horizontes da história transcontinental*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978.

**GABRIELA E TIETA:
CRIATURAS SUBVERSIVAS DE JORGE AMADO**

Patricia Ferreira Coelho (UNIGRANRIO)
paticoelho2003@hotmail.com

José Geraldo Rocha (UNIGRANRIO)
rochageraldo@hotmail.com

RESUMO

O artigo aborda a questão da desigualdade no Brasil com enfoque na discriminação sofrida pelas mulheres e no papel social da mulher na sociedade regida pela ideologia patriarcal. Neste artigo, reflete-se também sobre os romances *Gabriela, Cravo e Canela* e *Tieta do Agreste* de Jorge Amado, enfocando a situação das mulheres em uma sociedade patriarcal com especial destaque para as protagonistas Gabriela e Tieta. Busca-se compreender como essas personagens conseguem romper com os padrões e libertar-se dos usos e costumes vigentes na sociedade patriarcalista na qual estavam inseridas. O modo que essas personagens modificam suas vidas foi atribuído à visão de mundo de Jorge Amado, que criou personagens capazes de mudar seu destino.

Palavras chaves: Mulheres. Sociedade patriarcal. Jorge Amado. Gabriela. Tieta

1. Introdução

O problema da desigualdade na sociedade brasileira não é novo e vem ocorrendo no desenrolar da história do país. Diversos grupos sociais foram deixados à margem de benefícios, que o desenvolvimento econômico do país poderia ter-lhes proporcionado.

A sociedade brasileira é desigual, pois não valoriza os indivíduos que são considerados diferentes. O sujeito ideal na sociedade brasileira é homem, branco, classe média, heterossexual e cristão. Aqueles que não reúnem esses atributos ou que apresentam pelo menos um deles diferente são marginalizados, como é o caso das mulheres, que apesar das diversas conquistas ainda são discriminadas no Brasil.

As obras ficcionais *Gabriela, cravo e canela* e *Tieta do Agreste* são capazes de trazer à luz o debate em torno da condição da mulher na sociedade patriarcal (sociedade organizada em torno de interesses dos homens). Segundo ideias patriarcais, as mulheres não podem alcançar o mesmo lugar social ocupado pelos homens, pois elas são frágeis e possuem instintos naturais ligados à maternidade e, devido a isso, as mulheres estão destinadas ao âmbito privado.

Jorge Amado, sempre atento e preocupado com os problemas do povo, criou personagens femininas inseridas no contexto de uma sociedade patriarcal. No entanto, essas personagens, mesmo estando inseridas em uma sociedade machista, romperam com esses padrões, de forma que este artigo destaca o papel da mulher na sociedade masculina patriarcal brasileira e aponta para as diferenças que tendem a se naturalizar e reforçar uma relação de desigualdade entre homens e mulheres. Além disso, também visa mostrar que o autor Jorge Amado estabelece um papel social ao dar voz às mulheres oprimidas pela relação de desigualdade que regia o patriarcalismo.

Este trabalho está dividido em seis seções, em que a primeira mostra que diversos grupos sociais são discriminados por não estarem de acordo com o ideal de sujeito valorizado. A segunda seção mostra que apesar dos diversos direitos conquistados, ainda persiste um padrão discriminatório em relação às mulheres baseado na ideia de que a mulher era inferior ao homem tanto fisicamente quanto socialmente.

A terceira seção aponta para a relação existente entre a ficção e a realidade no processo criativo (ficcional) do escritor Jorge Amado. As obras ficcionais *Gabriela, cravo e canela* e *Tieta do Agreste* denunciam a condição da mulher na sociedade. A quarta e a quinta seção apontam para a descrição das personagens Gabriela e Tieta como mulheres que rompem com os padrões pré-estabelecidos. E por fim, a sexta e última seção revela que Jorge Amado denuncia a ideologia patriarcal e dá voz às mulheres a partir da ruptura de estereótipos (ou padrões de comportamento) de suas heroínas.

2. *A desigualdade no Brasil*

A sociedade brasileira é extremamente desigual. Em seus mais de 500 anos de existência, construiu mecanismos de exclusão que fizeram com que amplos contingentes de indivíduos fossem excluídos de benefí-

cios sociais, de direitos adquiridos, de vantagens que se diz serem “para todos”, de auxílios de toda ordem, de possibilidades de progressão, de chances para atendimento nos serviços sociais, de conquista de liberdades, do acesso ao voto, da possibilidade de qualificação, da garantia de alimentos etc. A história do Brasil pode ser vista como uma longa sucessão de lutas da população para ser verdadeiramente incluída nas possibilidades de melhoria de vida de toda ordem.

Além de relações sociais desiguais, existem diferenças entre grupos sociais e indivíduos. Embora o Brasil seja considerado o país da diversidade, as diferenças, muitas das vezes, não são vistas de maneira positiva. As posturas conservadoras que permitem a afirmação de poderes de uns sobre os outros com pretensão de superioridade tenderam a não suportar a convivência com aqueles que são considerados diferentes. E a diversidade que deveria ser vista como uma riqueza do Brasil virou sinônimo de defeito em relação a um padrão dominante, considerado como parâmetro de “normalidade”.

A ideia padrão disseminada de sujeito ideal na sociedade brasileira é de um homem branco, classe média, heterossexual, cristão, que constitui família e zela pelos valores e bons costumes. O conjunto de pedagogias sociais – educação, religião, tradições, ciência, televisão, cinema reforçam padrões e reprimem as diferenças muitas vezes sem as pessoas se darem conta. Geralmente, são vítimas dessas ações, sujeitos que não se enquadram no padrão descrito, negros, gays, lésbicas, travestis, pobres, mulheres.

Dessa forma, é possível constatar que no Brasil, historicamente, aqueles que em geral tiveram mais chances de progredir na vida são os sujeitos que reúnem os seguintes requisitos: ser homem, ser branco, pertencer à religião católica, ser heterossexual, não apresentar nenhuma deficiência, ser morador do eixo sul-sudeste do país, ser de classe econômica elevada, ter grau de estudos superior, ser adulto jovem, viver no ambiente urbano. As melhores oportunidades e a ocupação dos postos de comando na sociedade brasileira são para os indivíduos que tenham essas características.

Requisitos diferentes desse padrão: mulher, negra, de religião afro, lésbica, com problema de mobilidade nas pernas, morando na zona do agreste nordestino, pobre, com estudos somente do nível primário, com mais de 50 anos, certamente, diminuiriam radicalmente as chances de sucesso de uma pessoa. Na sociedade brasileira, basta por vezes que

um dos atributos citados esteja diferente para que o indivíduo esteja exposto a riscos.

Historicamente, as mulheres têm tido menores possibilidades de ascensão social pelo simples fato de serem mulheres, e até alguns anos atrás mulheres não podiam ocupar cargos na magistratura, por exemplo.

3. *O preconceito de gênero*

As mulheres tiveram direitos garantidos e ampliados com o passar dos anos, como a licença maternidade, a introdução da licença paternidade e a perspectiva jurídica da igualdade de direitos. No entanto, ainda que a Carta Magna juridicamente equipare os direitos de homens e mulheres, a discriminação de gênero ainda é muito marcada na sociedade brasileira. De acordo com Flávia Piovesan (2011):

O Brasil situa-se no 81º lugar no ranking que mede o alcance da desigualdade entre homens e mulheres em 134 países do mundo, tendo como indicadores o acesso à educação, à saúde, a participação econômica e política das mulheres, de acordo com o relatório Global Gender Gap (2010). O estudo avalia a forma pelo qual, em um mesmo país, homens e mulheres exercem seus direitos políticos, sociais e econômicos. Conclui que nenhum país do mundo trata de forma absolutamente igualitária homens e mulheres. (PIOVESAN, 2011, p. 83)

A autora aponta para a distância entre os avanços normativos e as práticas sociais, indicando a persistência de um padrão discriminatório em relação às mulheres: são os homens que acessam as melhores oportunidades de emprego, de carreira política, de salários, de cargos de mando e de benefícios em nossa sociedade.

A discriminação de gênero, ainda muito marcada em nossa sociedade, revela-se principalmente no campo do trabalho. No Brasil, os investimentos das mulheres na educação e na qualificação profissional ainda não se reverteram em igualdade salarial. Elas continuam recebendo salários inferiores aos que são pagos aos homens. Em alguns setores apenas se reduziu o nível de desigualdade. No caso das mulheres negras, os dados são ainda mais impressionantes. Quanto maior a escolarização, maior a diferença salarial entre estas e os homens, mas também entre as próprias mulheres: as mulheres brancas estão em posição de maior vantagem, embora sofram muitas discriminações se comparadas aos homens.

Além disso, as mulheres são levadas às carreiras de menor prestígio, mal remuneradas e que se identificam com as atividades desenvolvi-

das no espaço doméstico, quase sempre atividades da área do ensino, do cuidar e do servir (secretárias, enfermeiras, professoras, digitadoras, assistentes sociais), funções desempenhadas de forma quase invisível, enquanto os postos de comando ficam com os homens. Márcia Arán (2003) aponta que:

(...) na aurora da modernidade o corpo feminino, descrito a partir da ênfase nos órgãos reprodutivos, no ‘cérebro menor’ e na ‘fragilidade dos nervos’, foi utilizado para definir o lugar ‘naturalmente’ inferior das mulheres na sociedade, justificando a sua permanência no espaço privado (...). (ARÁN, 2003, p. 400)

Nesse trecho, Arán (2003) mostra que a desigualdade entre homens e mulheres teve suas raízes construídas em características que forjaram para a mulher, como fragilidade, incapacidade, vocação e destino à maternidade entre outras, consolidadas ao longo dos tempos. Esse ideal de mulher reforçou a noção da existência de um lugar para a mulher (espaço doméstico) e outro para o homem (espaço público).

O trabalho do homem relacionava-se com a produtividade do país, tinha valor, supunha uma atividade remunerada, enquanto o trabalho da mulher em casa, embora consistisse em uma multiplicidade de tarefas, era um trabalho desvalorizado. No senso comum, as mulheres eram responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo trabalho do cuidado de outros (especialmente de filhos, idosos e doentes) e os homens eram os provedores. Ao homem cabia à vida pública, ou seja, os espaços de atuação na vida econômica e política da sociedade. O que restava à mulher era o espaço privado (no âmbito do lar, doméstico). A casa era o lugar onde a mulher realizava suas tarefas domésticas em prol do bem familiar.

Geralmente esses padrões eram impostos para as mulheres brancas, pois as escravas, negras alforriadas e mestiças não eram bem vistas pela sociedade. Elas eram consideradas mulheres sem honra. Porém, mesmo as mulheres brancas nem sempre conseguiam manter esse ideal, como era o caso das mulheres pobres. Elas precisavam trabalhar fora de seus lares e isso já as qualificava, na maioria dos casos, como mulheres públicas.

4. *Ficção e realidade nos romances Gabriela, Cravo e Canela e Tieta do Agreste*

A representação feminina, na literatura, tem muito da representatividade do “papel feminino real” vivido pelas mulheres na sociedade

brasileira, demonstrando que a sociedade e a literatura estão relacionadas, sendo esta também uma tentativa de representação ficcional daquela.

O crítico literário Antônio Candido, em seu ensaio *Literatura de Dois Gumes*, afirma que a ligação da literatura e a sociedade é tão forte que se torna a substância do ato criador:

(...) a ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra – de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador. (CANDIDO, 1987, p. 163).

Assim, é possível considerar que na literatura muito pode ser encontrado da vivência dos indivíduos na sociedade. Ela é também a reconstrução dessa sociedade, portanto, nos romances aqui propostos, encontram-se muitas das situações vividas pelas mulheres brasileiras.

As obras ficcionais *Gabriela, cravo e canela* e *Tieta do Agreste* são capazes de trazer à luz o debate em torno da condição de desigualdade que as mulheres vivem na sociedade patriarcal brasileira (sociedade organizada em torno de interesses dos homens). As referidas obras revelam o papel da mulher na sociedade masculina patriarcal brasileira e apontam para as diferenças que tendem a se naturalizar e reforçar uma relação de desigualdade entre homens e mulheres, destacando a atmosfera de opressão na qual se encontram as personagens Gabriela e Tieta.

É válido mencionar que as histórias de Gabriela e de Tieta se passam em uma época do século XX na qual existiam regras, normas e padrões comportamentais que cerceavam os desejos e a liberdade das mulheres em nome de um papel social formatado segundo modelos naturalizados.

Segundo pensamento de Beauvoir (2008), marco dos estudos sobre o papel da mulher na sociedade, a mulher tinha um único destino: o casamento, de modo que sua única missão era ser uma boa esposa, servindo o marido e os filhos. Essa era a missão das mães que deveriam ensinar as filhas a serem boas esposas. Nas obras *Gabriela, cravo e canela* e *Tieta do Agreste*, não é diferente, pois a mulher tinha dois caminhos: o casamento ou a prostituição.

O mundo da mulher tinha uma conformação bem definida na estrutura social de Ilhéus e Santana do Agreste, lugares onde as histórias das personagens Gabriela e Tieta aconteciam. Com fronteiras bem delimitadas, aos diversos “tipos” de mulher eram atribuídos papéis diferenciados.

ados. À mulher de família era reservada a educação dos filhos, os encargos domésticos, a prática religiosa, o lugar da desertização. Eram muitas vezes, essas mulheres, moeda de troca e objeto de conchavos e interesses sociais, políticos e econômicos de seus pais ou maridos. Criadas para casar.

As obras ficcionais *Gabriela, cravo e canela* e *Tieta do Agreste* retratavam o modo de vida das mulheres dentro da sociedade patriarcal, as quais viviam muitas vezes enclausuradas e o único lugar que podiam ir era à igreja por ser a casa de Deus. As mulheres deviam obediência aos seus maridos e quando aparecia uma figura feminina, que desafiava os costumes e atitudes da época, era taxada como subversiva, sofrendo punição por ser uma ameaça para a sociedade patriarcal. Mesmo assim Gabriela e Tieta resolveram ir contra tudo e contra todos para se verem livres da hierarquia patriarcal.

Jorge Amado sempre se mostrou atento e preocupado com as questões relacionadas a gênero em suas obras, criando personagens femininas inseridas no contexto de uma sociedade patriarcal. Suas obras não apresentavam um discurso machista. As obras de Jorge Amado representavam a mulher não submissa ao homem, mas como atuante e detentora de poder. Reconhecidamente, a produção literária de Jorge Amado pode ser interpretada como promotora da liberdade da mulher. Segundo Belline (2008):

Antes que o feminismo da década de 1960 desse voz e visibilidade às mulheres na vida social, política e cultural do Brasil, a ficção de Jorge Amado já apresentava personagens femininas que transgrediam e superavam códigos injustos. Trata-se da passagem da mulher de objeto manipulado pelo homem a sujeito de seu próprio destino – amoroso ou profissional. (BELLINE, p.27, 2008)

Nas obras de Jorge Amado, há o conflito entre as regras impostas pela sociedade e a ânsia de liberdade de buscar a realização pessoal, transgredindo os códigos patriarcais vigentes. Gabriela e Tieta desviaram-se do padrão moral e social desejado para as mulheres transpondo os papéis relegados às mulheres na sociedade patriarcal.

5. A subversiva Gabriela

Gabriela é uma retirante fugida da seca, que chega a Ilhéus e se revela uma mulata deslumbrante, com dotes culinários. Gabriela vai cozinhar no bar de Nacib e sua comida agrada a todos. Os dois apaixonam-

se, e Nacib, encantado pelos dotes culinários e sexuais da retirante e tendo que ela o abandonasse, resolve casar-se com ela. Mas logo descobre que “há flores que não nascem para jarros”, pois Gabriela perde o encanto e a alegria de viver e por fim se entrega a Tônico Bastos. O casamento de Gabriela e Nacib não deu certo porque ela sentia falta de liberdade.

Gabriela é apresentada como uma mulher subversiva por apresentar uma sexualidade aflorada e resolvida. Ela é apenas Gabriela, uma retirante que dorme com um homem apenas pela fruição do sexo, sem culpa e sem expectativas futuras, sem pretensão de casamento:

A noite ia alta, a fogueira morria em brasas, quando ela deitou-se junto dele como se nada fora. Noite tão escura, quase não se via. (...) Desde aquela noite milagrosa, Clemente vivia o terror de perdê-la. Pensara a princípio que, tendo acontecido, ela não o largaria (...). Mas logo se desiludiu. Durante a caminhada ela se comportava como se nada houvesse entre eles, tratava-o da mesma maneira que os demais. (...) Mas quando chegava à noite (...) se entregava toda, abandonada nas mãos dele, morrendo em suspiros, gemendo e rindo. (AMADO, 2001, p. 79)

Dessa forma, Gabriela não se limitava a seguir as regras de recato que lhe era imposta na sociedade. Sua atitude representava apenas a liberdade, que outrora não era conferida a figura feminina em Ilhéus, e muito menos no Brasil, onde os mandatários (coronéis) e a sociedade se configuravam como patriarcais.

A inadequação aos padrões e a recusa de segui-los podem ser vistas nos incômodos que cercaram a vida de casada da personagem, quando Nacib decidiu transformar Gabriela numa senhora elegante e educada da nata da sociedade. Uma vez obrigada a mudar de status e a lidar com o universo da cultura erudita, Gabriela não se encaixou nas regras mínimas de etiqueta, o que enfureceu o marido. Numa passagem da narrativa, que Jorge Amado não aleatoriamente nomeia “dos sabores e dissabores do matrimônio”, destaca-se o seguinte trecho:

Ela queria ir ao circo, ele a arrastava à conferência enfadonha, soporífera. Não a deixava rir por um tudo e por um nada como era seu costume. Reprendia-a a todo momento, por ninharias, no desejo de torná-la igual às senhoras dos médicos e advogados, dos coronéis e comerciantes. ‘Não fale alto, é feio’, cochichava-lhe no cinema. ‘Sente-se direito, não estenda as pernas, feche os joelhos’. ‘Com esses sapatos, não. Bote os novos, para que tem?’ ‘Ponha um vestido decente.’ ‘Vamos hoje visitar minha tia. Veja como se comporta.’ ‘Não podemos deixar de ir à sessão do Grêmio Rui Barbosa.’ (Poetas a declarar, a ler papéis que ela não entendia, um xarope medonho). ‘Hoje Dr. Maurício vai falar na Associação Comercial, temos que ir.’ (Ouvir a Bíblia inteira, xaropada!). (AMADO, 2001, p. 361)

Nacib tentou educar e controlar Gabriela, mas foi tudo em vão. Confinada pelo casamento, a vida sexual de Gabriela com o marido definiu, ao mesmo tempo em que foi negligenciada a regra da fidelidade conjugal, quando traiu seu marido com seu Tônico. Traído e incomformado, Nacib providenciou a anulação do matrimônio, mas tornou-se um homem triste. Somente voltou a ser feliz com Gabriela quando desistiu, ele próprio, de obedecer às convenções. Após um tempo livres do casamento, retornaram ao romance de antes, longe das amarras legais da sociedade, que tanto incomodavam a subversiva Gabriela.

6. A subversiva Tieta

Tieta do Agreste narra a história de uma jovem expulsa de sua terra natal, Santana do Agreste, pelo seu próprio pai, depois de delatada pela irmã ao ser flagrada nos braços de um homem. Após a expulsão, Tieta constrói sua fortuna em São Paulo, como prostituta e cafetina e retorna depois de mais de 20 anos à Santana do Agreste para rever sua família e a sua praia dos sonhos e dos primeiros amores, Mangue Seco.

Tieta rompeu com os padrões vigentes seguindo uma vida dada aos prazeres sexuais, e vivendo a sua sexualidade com os homens que a atraíam, transpassando até mesmo os limites de idade e relações familiares. Além disso, também houve rompimento com os padrões vigentes no momento em que ela enriqueceu por um meio repudiado socialmente - a prostituição, uma vez que naquela sociedade não havia meios de acesso para a ascensão social feminina. Ao exercer o ofício da prostituição, Tieta entrou em conflito com a sociedade.

O desejo pela liberdade é evidente em Tieta desde os tempos de criança, passando pelo tempo de adolescente quando vivia sua sexualidade com liberdade até o momento em que assumiu a vida de prostituta. Tieta não queria estar limitada a uma vida de pobreza no nordeste. Queria “boa vida”, o que para ela era possível tornando-se “boa de cama”. Isso é mostrado no fragmento a seguir:

Eu te digo que escola de verdade é casa de mulher à-toa no sertão. Aí, sim, se aprende o ofício. Quebrei a cabeça nesse mundéu até que me toquei pro Sul, cansada de sofrer. Queria a boa vida, comer do bom e do melhor, beber champanha, provar as iguarias do homem. Não feijão e a carne-seca. (AMADO, 1979, p. 306)

Tieta, por seu comportamento inadequado para os padrões de uma sociedade patriarcal, foi expulsa de casa por seu pai, o que a obrigou a

ser prostituta. Por um momento, viver da prostituição lhe causou sofrimento, mas, em seguida, foi o que lhe proporcionou uma vida melhor.

Tieta não se encaixava nos padrões sociais desejáveis para o comportamento feminino na perspectiva de uma sociedade tradicional. Tieta viveu livremente sua sexualidade e, por conseguinte tornou-se prostituta, mas isso não fez dela uma vilã ou uma vítima. Sua profissão foi fundamental para que ela ascendesse socialmente e, por conseguinte, causasse admiração frente às outras mulheres, sobretudo, à família.

Ela representa uma mulher à frente do seu tempo e em oposição ao seu meio, pois é fortemente relacionada, influente, é capaz de resolver problemas de sua cidade natal, ao se manifestar sobre a luz elétrica e envolver-se com a política da cidade. Tieta possuía características que não eram comuns para as mulheres do seu meio e de sua época.

7. *Gabriela e Tieta: criaturas do subversivo Jorge Amado*

Os romances *Gabriela, cravo e canela* e *Tieta do Agreste* retratam muitas das mulheres brasileiras no que condiz às discriminações que elas sofrem na sociedade. No entanto, o autor dá voz às suas protagonistas e faz com que as mesmas decidam sobre seus destinos. As personagens Tieta e Gabriela têm força e coragem para superar e transgredir códigos injustos. Elas são capazes de modificar suas vidas mesmo vivendo em um ambiente machista e patriarcal.

A figura feminina sempre rotulada como frágil, incompetente, insensata, foi representada por Jorge Amado como decidida e corajosa. Gabriela luta para manter a sua liberdade, para ter o direito de andar descalça e de viver a vida livre, sem imposições sociais. Tieta torna-se símbolo de mulher bem sucedida, da sensualidade do nordeste, uma mulher madura, que não esconde suas origens, que não tem medo da vida e que luta por seus ideais, principalmente por sua felicidade.

Gabriela conseguiu sobressair-se. Conseguiu libertar-se e continuar com sua vida simples, mas repleta de amores, quando depois da anulação do casamento conseguiu voltar a ser cozinheira de Nacib e também sua amante. Ela seguiu o seu caminho desafiando os padrões e impondo-se de maneira sutil, mas ao mesmo tempo firme e decisiva, despertando os outros para a possibilidade da liberdade da mulher, não apenas a sexual, mas a liberdade em todos os aspectos da vida.

Se o fato de se prostituir é, ao mesmo tempo, reação e manutenção ao patriarcalismo, Tieta consegue, dentro da ambiguidade de seu posto, fazer valer a liberdade que tanto preza e a sua cidadania. E na sua condição de prostituta liberta-se da moral, liberta-se dos costumes, provém o próprio sustento ao negociar com o corpo.

De acordo com o contexto histórico das tramas, as mulheres deviam ser passivas, restringirem-se ao espaço privado e à esfera da reprodução humana, desvalorizadas no nível simbólico e material, e aos homens caberia a função ativa, o espaço da produção e o espaço público. No entanto, as protagonistas das obras propostas são capazes de fazer valer outros pensares e padrões de comportamento. Além disso, elas se mostram capazes de viver da maneira que desejam.

Jorge Amado, que era um homem a frente do seu tempo criou duas personagens transgressoras. Gabriela e Tieta romperam com os padrões patriarcais pré-estabelecidos pela cultura machista dominante cuja prática comum era a sujeição das mulheres aos homens, fossem eles pais ou maridos. Essas mulatas de origem humilde conseguiram, de uma forma ou de outra, autonomia; conseguiram tomar posse de si, do seu corpo, da sua mente e de sua alma, servindo até mesmo como inspiração e exemplo de coragem e ousadia (no caso da personagem Tieta). Essas personagens, mesmo estando no contexto de uma sociedade patriarcal, mantiveram-se fiéis aos seus valores tendo ideias e comportamentos considerados subversivos para a sociedade.

8. Considerações finais

O estudo permitiu compreender que Gabriela e Tieta são mulheres caracterizadas por seus traços fortes, atitudes guerreiras e autênticas, em uma época em que a mulher ainda não tinha voz. Além disso, o presente estudo possibilitou entender como era vista a mulher da época, os princípios e preconceitos daquele momento, alguns dos quais se perpetuam.

As personagens centrais dos romances mencionados são mais do que mulheres voluptuosas, bonitas e sensuais. Elas são sujeitos de seu próprio destino. Elas não se comportavam de acordo com os padrões morais vigentes, mas do modo que as faziam felizes. Elas eram livres de todos os padrões sociais exigidos.

Jorge Amado ao traçar em suas obras *Gabriela, Cravo e Canela* e *Tieta do Agreste* o perfil da mulher, evidenciou uma época que a luta fe-

minina possuía um caráter tímido, porém a sua obra trouxe um caráter polêmico, que levou as pessoas a refletirem sobre as questões femininas da região grapiúna e do Brasil.

Os romances *Gabriela, cravo e canela* e *Tieta do agreste* retratam muitas das mulheres brasileiras no que condiz às discriminações que elas sofrem na sociedade. No entanto, a mulher aparece redimensionada através da figura das protagonistas Gabriela e Tieta, mulheres capazes de subverter os valores patriarcais, denunciando a assimetria existente entre homem e mulher que revela a imensa desigualdade constitutiva da sociedade no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Record, 2001.
- _____. *Tieta do Agreste*. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- ARÁN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 399-421, 2003.
- BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elisabete (Orgs.). *Gênero e diversidade na escola: formação de professora - em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- BELLINE, Ana Helena Cizotto. Representações do feminino. A literatura de Jorge Amado. *Caderno de leituras*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 26-35.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- PIOVESAN, F. Direitos humanos, civis e políticos: a conquista da cidadania feminina. *O Progresso das Mulheres no Brasil*, UNIFEM, v. 1, p. 32-52, 2011.
- SILVA, Simone Machado da. *Dois momentos da representação literária da mulher: a sexualidade e o papel feminino em Lucíola de José de Alencar e Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado*. 2012. – Mestrado (Universidade Estadual do Norte Fluminense), Campos dos Goytacazes.